



CINEMA PARADISO

Boletim n. 292

São Paulo, 21 de junho de 2011.

Próxima Reunião: 26/06/2011 - Domingo às 16:00 h



ESTAMOS JUNTOS
Diretor: Toni Venturi (*)

MINHAS TARDES COM MARGUERITTE
(*La Tête Friche*)
Diretor: Jean Becker (**)



(*) Nasceu em São Paulo, em 21/11/1955. Morou no Canadá de 1976 até 1984, onde se graduou em Artes Fotográficas - Cinema, pela University Of Ryerson, em 1984. Foi diretor e produtor do documentário *O Velho*, sobre Luís Carlos Prestes. Seus longas de ficção são *Latitude Zero* (2001), *Cabra Cega* (2005) e agora *Estamos Juntos* (2011). Recentemente também realizou o documentário *Vocacional, uma Aventura Humana*, apresentado no Festival É Tudo Verdade deste ano. Também realizou produções para a televisão.

(**) Nasceu em Paris, em 10/05/1938. É diretor, roteirista e ator. Começou a carreira como assistente de direção de diversos cineastas, entre eles seu pai Jacques Becker. Dirigiu alguns filmes independentes, como *Ouro, Brilhantes e Morte* (1964) e *O Adorável Canalha* (1966).

HITCHCOCK, ARTE E INDÚSTRIA

Por zegeraldocouto

A maior retrospectiva da obra de Alfred Hitchcock já realizada no país está em cartaz nos CCBBs de São Paulo (até 24 de julho) e do Rio (até 14 de julho). São 54 longas-metragens, três curtas e 127 episódios da série televisiva *Hitchcock presents*.

Desnecessário falar sobre a importância de Hitchcock, o homem que transformou o suspense em linguagem e levou ao seu ponto máximo as possibilidades da narrativa cinematográfica clássica, com sua capacidade de manipular o olhar e a emoção do espectador.

Uma vasta bibliografia já se encarregou disso. Recomendo em especial três livros: o monumental *Hitchcock/Truffaut* (tradução de Rosa Freire d'Aguiar, Companhia das Letras), em que o mestre inglês fala exaustivamente de cada um de seus filmes ao admirador e discípulo francês; *Hitchcock*, publicado pela primeira vez por Eric Rohmer e Claude Chabrol em 1957, e absurdamente nunca traduzido no Brasil; e o introdutório *Alfred Hitchcock, o mestre do medo* (Brasiliense, esgotado), de Inácio Araujo.

O fracasso como erro

Chamo a atenção apenas para um aspecto que me parece central na figura do cineasta: ninguém conseguiu superar tão bem quanto ele a dicotomia que parece dilacerar o cinema desde seus primórdios, a saber, a dicotomia entre arte e indústria. Para Hitchcock, um filme seria tanto mais bem-sucedido artisticamente quanto mais êxito obtivesse na bilheteria. Para ele, a sentença não era arte x indústria, mas arte = indústria, o que, na boca de um outro cineasta (que dirá de um crítico) soaria como uma heresia mercenária.

Falando sobre o eventual fracasso de algum de seus filmes, Hitchcock nunca culpava a incompreensão da plateia, a tacanhez do sistema, os problemas de distribuição ou qualquer outra coisa do tipo. Via-o como um erro seu: um ator mal escolhido para ser o vilão ou o herói, uma revelação da trama feita na hora errada, um truque ótico deficiente. Ou uma avaliação errônea sua sobre a psique de seu público.

Sucesso e invenção

Por exemplo: considerava que **A TORTURA DO SILÊNCIO** tinha fracassado (relativamente) na bilheteria porque a ideia católica do segredo do confessorário era pouco compreensível para um espectador majoritariamente protestante. Pouco importava para ele que o filme fosse, segundo boa parte da crítica (e me incluo nessa linha), uma obra-prima. O fato de o grande público não se interessar era um sinal de fraqueza, de falha, de insuficiência.

Se, por um lado, sua obra ajuda a solapar a desconfiança um tanto arrogante da crítica diante de tudo o que faz sucesso, ajuda também a jogar por terra a ideia de que, para atingir o público, é preciso abrir mão da ousadia e da invenção, repetindo fórmulas e

formas já experimentadas (e transformadas em fômas). Poucos cineastas inventaram tanto, em termos de decupagem, enquadramento, movimentos de câmera. Poucos pensaram de maneira tão cinematográfica (vale dizer: tão distante do discurso literário e da impostação teatral).

Por tudo isso, e pelo puro prazer que seus filmes proporcionam, sempre vale a pena voltar a Hitchcock.



Extraído do blog do Zé Geraldo Couto. A matéria continua com um mix com cenas das rápidas aparições de Hitchcock em seus filmes, além de uma entrevista com o cineasta. Vale a pena visitar o blog: <http://blogdozegeraldo.wordpress.com>

RECADO DA CLAUDINHA: sugiro que aproveitem essa programação maravilhosa com os filmes do mestre do suspense. É só conferir nos guias culturais e no site do CCBB: <http://www.bb.com.br/portallbb>.

No mês de julho (dias 21, 22 e 23) ministrarei um mini-curso sobre a obra de Alfred Hitchcock na Casa Guilherme de Almeida, no Sumaré. Curso quase gratuito. Aguardem maiores informações.

ECOS: O HOMEM AO LADO

Em pleno dia dos namorados, um domingo de muito frio, discutimos muito animadamente o filme argentino **O HOMEM AO LADO**. Não tivemos muitas divergências, porque todos os presentes gostaram demais do filme. Aliás, muitos amigos do grupo haviam se manifestado, por e-mail ou por telefone, lamentando não poder ir à reunião, pois tinham adorado o filme.

Iniciamos a discussão transmitindo algumas informações de que **O HOMEM AO LADO** foi premiado como melhor filme de 2010 pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas da Argentina, depois de ter vencido melhor fotografia em Sundance e melhor filme em Mar Del Plata. Detalhe: a obra da dupla quase iniciante em longas – Mariano Cohn e Gastón Duprat – também agradou ao público argentino, o que tem sido raro nos últimos tempos. O filme atingiu 250 mil espectadores, o que é considerado um bom público, pois, consta que os argentinos não gostam de seus próprios filmes, tão apreciados por nós, brasileiros. E nós? Gostamos dos nossos filmes?

Muitos comentaram que durante a exibição foram “mudando de lado”, ora achavam que o “vilão” era Leonardo, ora que era Victor. Mas essa preferência variou muito. Uns viram em Victor imediatamente um sujeito sincero... Outros o acharam horroroso, mas depois mudaram. O designer Leonardo agradou a alguns, mas outras pessoas do grupo antipatizaram com ele desde o início (como esta que vos escreve). O que foi unânime é que o roteiro não nos permitia relaxar em nenhum momento, pois nos desafiava a pensar uma saída para aquela negociação que poderia ser tão banal, mas que a cada vez se complicava mais... A complexidade do filme não estava na história, mas na condução do impasse que colocava o espectador diante de seus próprios preconceitos.

Victor, com todo estereótipo do sujeito grosseiro e ignorante, era o mais afetivo e cordato, o que abriu a janela para o outro, o que buscou uma aproximação. Ao contrário, o “civilizado” designer Leonardo, um artista premiado em Milão, representava a burguesia que parou no tempo (na estética modernista de Le Corbusier?) e que, se em algum dia almejou alguma transformação social, atualmente se mantém fechada em seu meio hipócrita e insosso.

Entendemos que a casa (a única obra de Le Corbusier na América Latina) é um personagem importante do filme. A casa modernista que outrora priorizou a convivência social ao conforto individual e, por isso mesmo, é totalmente aberta, se vê hoje vulnerável aos perigos do mundo. Mas essa burguesia intelectualizada e arrogante vê o perigo no lugar errado: tudo faz para fechar a janela aberta pelo vizinho, mas deslumbra-se com os tantos observadores que não param de admirar a casa. A vaidade cega.

ATENÇÃO

A festa do 16º aniversário do Grupo Cinema Paradiso já está confirmada para o dia 8 de agosto (uma segunda feira, à noite), no CineSESC, como sempre.

Aguardem mais detalhes da programação!

CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA PARA A FESTA: relembramos a todos que foi aberta uma conta poupança para arrecadarmos um fundo financeiro para a festa. A conta está em nome de Esther Stiel, na Caixa Econômica Federal (banco 104); Agência Augusta (0239), Operação 013 (poupança), conta 00008247-5. O valor é livre e pedimos que quem contribuir avise Esther sobre data e valor no e-mail: estherstiel12@gmail.com.

PRAZO: 08 de julho.



A casa é linda, mas tem sua funcionalidade deturpada. A proposta de arquitetura modernista visava a integração das pessoas, com rampas e espaços abertos. Mas aquela família sofria com a incomunicabilidade (especialmente o protagonista Leonardo). Uma estética “de vanguarda” para um casal careta, sem sexo, que não se integra, que não consegue se comunicar com a única filha, enquanto esta se diverte com o teatrinho do vizinho “brega”.

Discutimos também os enquadramentos refinados do filme. Muitas cenas emolduradas, como a própria janela que é o mote da discórdia, mas também com aproveitamento dos espaços da casa, com espaços cênicos cuidadosamente construídos como a cena em que os amigos ouvem música, enquanto a batida da reforma do vizinho se mistura ao som “de vanguarda”.

Foi notado que Victor é sempre apresentado de frente, com nitidez, o que representa sua franqueza. Leonardo e sua mulher, em contraponto, estão sempre com seus rostos sem nitidez - como na cena em que o sogro pega a filmadora e não consegue achar o foco para filmar sua filha; ou na cena em que Leonardo prepara uma comida e o armário impede que vejamos seu rosto. Também na cena em que ele tenta conversar com a filha (num discurso horroroso) e ela

prefere ouvir música, o rosto do pai aparece multifacetado nos espelhos do quarto. É comum que ele apareça de perfil, também. Nossas amigas psicólogas lembraram que em testes psicológicos o mais normal é que a criança sempre se represente frontalmente. O adulto que se representa de perfil pode estar tentando esconder um lado obscuro, até pra ele mesmo.

O grupo também discutiu um pouco se seria direito de Victor abrir a tal janela. A maioria achou que não, que é como abrir uma janela dentro da casa do outro. Em todo caso, sentimos que a transgressão deu um ótimo mote para a reflexão sobre a convivência e a intolerância tão presente na vida contemporânea.

Pedi ajuda ao nosso “consultor de arquitetura”, Márcio Torres (diretamente do Rio de Janeiro) que me contou que a casa, situada em La Plata, foi apenas projetada por Le Corbusier que aceitou a encomenda de um médico cirurgião, admirador do arquiteto suíço, que transformou o imóvel em residência e consultório. Ainda segundo Márcio, o terreno é pequeno e o médico desejava vista para o parque. Possivelmente daí veio a ideia de uma “casa transparente”.

Cláudia Mogadouro.

COTAÇÃO 2011

| | |
|-----------------------------------|-------------|
| <i>Homens e Deuses</i> | 9,72 |
| <i>Tetro</i> | 9,57 |
| <i>Cópia Fiel</i> | 9,26 |
| <i>Lixo Extraordinário</i> | 8,96 |
| <i>O Homem ao Lado</i> | 8,96 |
| <i>Biutiful</i> | 8,85 |
| <i>O Concerto</i> | 8,63 |
| <i>Contracorrente</i> | 8,58 |
| <i>Em Um Mundo Melhor</i> | 8,54 |
| <i>Caminho da Liberdade</i> | 7,85 |

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma
e-mail: janetepalma@gmail.com
<http://www.grupocinemaparadiso.com.br>